

UNIVERSIDADE EDUARADO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso de Licenciatura em História
4ºano

Cadeira: Trabalho Final Curso

Tema: A resposta popular, à dinâmica dos “Matsangas” nos bairros da Matola: o caso de Machava, Baião e Ndlavela (1984- 1992).

Discente:

Raul Sousa Mathe

Orientadores:

Prof. Dr. Paulo Lopes, PhD

(_____)

doutor. Cláudio Mandlate, MA

(_____)

Maputo, Janeiro de 2022.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4
Dedicatória.....	5
Acrônimos/ Abreviaturas	6
Lista de Quadros	7
Resumo.....	8
CAPITULO I	
INTRODUÇÃO.....	9
Problematização	10
Pergunta de Partida.....	11
Argumento.....	11
Objetivo Geral	12
Objetivos específicos.....	12
Justificativa.....	12
Revisão Bibliográfica	13
Metodologia	15
Limitações de Estudo	15
Quadro de Conceitos	16
CAPITULO II	17
ENQUADRAMENTO REGIONAL DO ESPAÇO EM ESTUDO	17
Principais dados sobre a Matola.....	17
Localização Geográfica e principais características.....	17
CAPITULO III.....	20
MOÇAMBIQUE, A RENAMO E A GÊNESE DA GUERRA CIVIL.....	20
Surgimento da Renamo – Resistência Nacional de Moçambique.....	20

Porque das Armas?	22
Capitulo IV	24
A DINÂMICA DOS MATSANGAS NA MATOLA E A RESPOSTA POPULAR.....	24
Introdução.....	24
A Dinâmica das incursões dos Matsangas na Matola: Machava, Baião e Ndhlavela.	24
Os Matsangas na Machava-Sede, Ndhlavela e Baião	24
A resposta popular nos Bairros da Machava, Baião e Ndhlavela.	27
O despoletar do conflito nos bairros e papel das Autoridades locais.....	29
CAPITULO V.....	31
CONCLUSÃO	31
ANEXO	33
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	37

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos não servem apenas para cumprir uma regra protocolar, mas resultam da vontade real de agradecer a todas as pessoas que me apoiaram ao longo deste percurso. E são muitas. O presente trabalho de culminação de estudos, não seria possível sem o envolvimento de diferentes pessoas e instituições que engajaram se em me ajudar e a me nutrir de informações para que essa monografia fosse possível.

Em primeiro gostaria de agradecer ao Departamento de Historia da UEM, através dos meus diversos doutores que durante quatro anos estiveram empenhado na minha formação acadêmica e, sobretudo moral e ética, dentro deste contexto ainda agradeço aos meus orientadores da cadeira do Trabalho Final Curso, o Professor Doutor Paulo Lopes e o Mestre Claudio Mandlate pelas veementes chamadas de atenção no que tange a escrever algo fruto de uma leitura profunda e exaustiva, doutores meu muito Kanimabo.

Aos meus colegas e companheiros de carteira, agradeço imenso, só Deus para saber as muitas dificuldades que suportamos ate aqui chegar, as noites sem dormir fazendo os trabalhos e resumos das obras. De forma carinhosa meus amigos, Sabão Roberto e Ana Cintia Matola, obrigado por ter participado da melhor fase da minha vida como ser e por ter me suportado em minha loucura e aventura pelas bibliotecas de cidade Maputo.

Gostaria de agradecer aos muitos moradores do posto administrativo da Macha –Sede, Ndhlavela, onde destaco o carisma da mamana Sitoe, tio Betinho e ao Mano Atanásio, pela muita paciência muito obrigada a todos e sobretudo à vovó Tivane, que descobri que é meu familiar dentro das pesquisas na Machava.

Por fim agradecer a minha família pelo apoio prestado, foram quatro anos de batalha e sempre me encorajaram, minha Mae Anita, meus Pais Sousa e Antônio, obrigado.

Dedicatória

Por ter me amado e me criado minha Mãe Ana, eu ti dedico este trabalho.

Por sempre me dar força meu Pai Sousa, receba o melhor do teu filho.

Grato meu Deus eterno.

Acrônimos/ Abreviaturas

AGP	Acordo Geral de Paz
ANC	congresso Nacional Africano
AHM	Arquivo Histórico de Moçambique
CSE	Comunidade Santo Egídio
CONSAS	Constelação dos Estados da África Austral
FPLM	Força popular de Libertação de Moçambique
FRELIMO	Frente de Libertação da Moçambique
MNR	Moçambique Nacional Resistencia
PRE	Programa de Reajustamento Estrutural
RENAMO	Resistencia Nacional de Moçambique
SADCC	Conferencia para Coordenação do Desenvolvimento da África Austral
ZANU	União Nacional Africana do Zimbabwe
ONUMOZ	Operações das Nações Unidas em Moçambique

Lista de Quadros

Quadro 1 – Distritos Urbanos/ bairros..... 16

Quadro 2: Rotas usadas pelos Matsangas..... 24

Quadro 3. Distribuição dos inquiridos por local e sexo..... 36

Lista de Mapas

Limites geográficos e divisão administrativa da Matola.....18

Resumo

O presente trabalho de culminação de estudo, tem como essência estudar os contornos da Guerra Civil na Matola, esta pretende compreender a resposta da população da Machava, Baião e o Bairro de Nhlavela. Estes ataques começam na cidade da Matola em 1981, porem nos lugares em estudo só temos presença do contingente dos Matsangas em finais de 1984 em diante.

Importa referir que a resposta popular contra estes ataques foi feita de formas diferenciadas, isso deveu se a vários factores, como a natureza do terreno em questão, motivos de ordem econômica entre outros.

Primeiro, os Matsangas implantaram uma Renamizacao forcada sobre a população, isto é por causa dos rumores de vários horrores cometidos sobre a população noutros cantos do pais, a população vivia com medo e outros a quando da chegada destes grupos pela calada da noite as suas casas eles si intitulam simpatizantes da Renamo e da sua causa, por vezes esta estratégia resultava, mas em raras vezes devido a vários factores.

Os civis destes bairros procuravam lugares seguros como forma de si protegerem do conflito Governo- Renamo, porem a resposta variou de acordo com vários factores, por exemplo, no Posto Administrativo da Machava, a população preferia pernoitar em suas casas mesmo sabendo que pela calada da noite os Matsangas atacariam, mas isso deveu se ao facto de que por aquela zona havia uma forte presença militar bem como as patrulhas conjuntas dos milicianos comunitários, esta vasta rede de proteção deveu se por si tratar de uma zona industrial, por isso o Estado procurou defender com unhas e dentes.

Para o caso de Baião, a população passavam as suas noites dentro do cemitério, por vezes percorriam uma distancia ate chegar ao mangal da Matola A, por vezes recorriam às esquadras comunitárias que também em termos de segurança nada ofereciam porem não era mesma coisa que ficar em casa e morrer a ver. Doravante em Ndlavela, o seu refugio passava por percorrer quilômetros ate chegar a Jardim e Patrice, por ser um pouco urbanizado e com baixo índices de ataque, por outras neste lugar abriam covas para si esconder dos Matsangas.

Palavras Chaves: Resposta Popular, Dinâmica, Matsanga.

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

O presente trabalho em estudo tem como tema, A resposta popular, à dinâmica dos “Matsangas” nos bairros da Matola: o caso de Machava, Baião e Ndlhavela (1984 – 1992). Trata-se de uma proposta que traz experiências vividas por populares dos bairros mencionados no período da guerra civil em Moçambique, entre 1976 e 1992.

Guerra civil está, caracterizada por uma onda de violações de direitos humanos em níveis alarmantes, importa referir o facto de que a onda de massacre, violações a Mulheres e Crianças bem como a onda de raptos, caracterizou a vida da população destes bairros durante a década de 1980, facto este que só termina em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz em Roma.

Segundo (ASFC, s/d: 11), a violência era grande nestes bairros, sobretudo perpetrado em Mulheres e crianças, na medida em que era considerado o elo mais fraco. Esta guerra causou sequelas psicológicas e traumáticas nos moçambicanos, devido à própria natureza da guerra e o nível de violência a que as vítimas do conflito foram expostas durante mais de uma década e meia de conflito.

As primeiras incursões, feitas pelos “Matsangas”, dentro da Matola, verificam- se, no início da década 1980, porem intensificam se, na medida em que temos o alastramento de guerra ao longo dos pais, sobretudo depois de 1984. Na matola, assim como em outros lugares ao longo do País, as ações iniciais deste grupo concentravam-se, primeiramente contra as estruturas partidárias da FRELIMO, e o assalto aos estabelecimentos comerciais, sabotagens de infraestruturas sócias (CABÁ, 1977: 65).

Como forma de minimizar o impacto destas ações durante o período auge da guerra civil, a população procura mecanismos de resposta, importa referir que a resposta a esses ataque no caso concreto dos bairros em estudo era diferente, em locais onde tínhamos a presença de uma força estatal bem como os milicianos à população optava por ficar em suas próprias casas e em raros casos refugiavam si em outros lugares, em zonas em que tínhamos a falta do contingente armado, os civis recorriam pernoitar dentro dos cemitérios como no baião, e em outras vezes placavam (

Refugiar) nas esquadras policias embora nem sempre as mesmas eram seguras, como é o caso da esquadra comunitária do Baião.

Problematização

A guerra civil, que eclode em Moçambique, entre 1976 e 1992, envolvendo o Governo e a RENAMO, revelou-se bastante terrível na medida em que foi caracterizada, por uma onda maciça de violações de direitos humanos, desde massacre, violação sexual a Mulheres e crianças, raptos bem como assassinatos, e ondas de vandalismos quase por todo o país, sobretudo na viragem de 1984. A luz dos bairros da Machava, Ndlavela e Baião procura-se, entender a resposta popular usada, como forma de escape ou mitigação destes ataques? Na medida em que nestes bairros as investidas armadas da RENAMO eram regulares, bem como trazer experiências de pessoas que viveram estas atrocidades durante a guerra.

PAULINE (2016), traz um estudo sobre o impacto do movimento dos Matsangas na região transfronteiriça entre Manica e a província de Manicaland no Zimbabwe, o caso do estudo do distrito de Chipenge, zona esta que era um centro de refúgio, para vários deslocados oriundos da zona centro do país, o autor traz depoimentos sobre traumas, abusos sexuais e atrocidades feitas às populações, entretanto este trabalho permite fazer uma comparação da forma de atuação destes grupo e criar paralelismo que possam ajudar a alcançar o objetivo preconizado neste trabalho.

CABÁ (1998), fala da guerra na Zambézia, sobretudo em Morrumbala, onde diz que os primeiros contingentes das forças da RENAMO chegaram em 16 de agosto de 1982, em pequenos grupos, que transportavam duas a três armas, e numa primeira fase de ataques os mesmos, eram contra as estruturas partidárias da FRELIMO, aos governos distritais e os raptos dos respectivos membros da FRELIMO.

O autor advoga ainda o facto de que pela calada da noite, saiam em patrulha 50 a 60 pessoas, os que ficavam dormiam no mato, ou em casas consideradas seguras pela população, e fazia-se quase uma refeição por dia, por volta das 16 horas.

Segundo o relatório feito pela (ASFC, s/d), nas províncias de Nampula, Gaza, Sofala, mostrou que apesar da recente intensificação dos esforços nacionais e dos parceiros de cooperação para o alcance da paz, tal como aconteceu em 1992, as considerações sobre o gênero, o uso de mulheres como meio de guerra, o impacto da violência cometida contra mulheres e raparigas durante os

conflitos, e necessidade do perdão e do reconhecimento dos horrores cometidos durante a guerra têm sido sistematicamente ignoradas abrindo espaços para uma nova etapa de acumulação de velhas e novas violências, de velhas e novas inseguranças que, ao serem ignoradas constituem formas embrionárias de um novo pré-guerra.

Pergunta de Partida

Quais são os mecanismos de resposta usados pela população contra os ataques dos Matsangas, no início e nas últimas incursões deste grupo dentro da Matola entre 1984 e 1992?

Argumento

O argumento defendido neste trabalho assenta no facto de que, a resposta da população, contra estes ataques foi feita de formas diferenciadas, isso deveu se a vários factores, como a natureza do terreno em questão, motivos de ordem econômica entre outros.

Primeiro, os Matsangas implantaram uma Renamização forçada sobre a população, isto é por causa dos rumores de vários horrores cometidos sobre a população noutros cantos do país, a população vivia com medo e outros a quando da chegada destes grupos pela calada da noite as suas casas eles si intitulam simpatizantes da Renamo e da sua causa, por vezes esta estratégia resultava, mas em raras vezes devido a vários factores.

A segunda forma de resposta popular foi o refúgio a locais seguros, onde por causa do difícil acesso ou proteção das Forças populares de Defesa, os Matsangas limitavam se, como o caso das Zonas circunvizinhas da estação ferroviária da Machava, importa aqui salientar que de todos os bairros da Machava, a Sede do posto administrativo da Machava foi a que mais ofereceu resistência devido à natureza da zona que é industrial, e o aparato militar era forte representado pelos militares e milicianos comunitários.

Importa destacar o facto de que esta população albergava si também nos mangais do Rio Matola, sempre pelas noites em fuga a estas incursões originando migrações internas temporárias, em outros casos recorriam à abertura de covas, para si esconder como pude observar em Ndlavela, estas pessoas refugiavam-se ainda no cemitério do bairro baião, nas esquadras policias, e nos círculos comunitários.

Por fim apresenta si neste trabalho outra resposta popular que só si fez sentir pouco depois da guerra civil, mais que considera se que tenha a sua gênese neste período de conflito importa

destacar o facto de que a região Sul de Moçambique é considerado o celeiro da FRELIMO, onde granjeia significativo número de apoiantes, sobretudo da etnia Tsonga.

Porem com o surgimento de fatores como a própria guerra e o descontentamento generalizado por causa dos anos, do socialismo que começam em 1977, com o terceiro congresso da FRELIMO, e a dificuldade da FRELIMO, em cumprir as suas promessas, sugere si que originaram a gênese progressiva da aderência ao movimento, e partido que hoje si chama RENAMO, no sul de, Moçambique na medida em que há esperança em dias melhores que a FRELIMO prometia demorava concretizar – se.

Objetivo Geral

O presente trabalho tem como objetivo geral o seguinte:

- Compreender a resposta popular face à dinâmica das incursões dos Matsangas nos bairros da Matola.

Objetivos específicos

- Identificar cronologicamente a emergência destes ataques em Baião Machava Sede e Ndhavela;
- Comparar a dinâmica dos ataques e a resposta aos frequentes ataques em Machava Sede, Baião e Ndhavela;
- Elucidar os mecanismos usados como resposta aos frequentes ataques em Machava Sede, Baião e Ndhavela.

Justificativa

O tema a resposta popular, a dinâmica dos Matsangas nos bairros da Matola, é relevante o seu estudo, pois nos permite compreender o mecanismo usado pelas populações locais face à onda de violações de direitos humanos dentro de um conflito armado entre duas partes bem como serve de canal para dar voz a quem na verdade sofreu com toda esta confusão que foi a guerra civil, à luz da resposta popular destes bairros, este tema permite mostrar o quanto terrível foi esta guerra, originada por confluência de fatores internos e externos, que afetaram sobretudo a população Moçambicana.

Embora a pesquisa cinja se, em três bairros, ela traz um horizonte para o aprofundamento da pesquisa em áreas de direitos humanos dentro de conflitos, nos quais a população sai sempre

afetada, o estudo em questão, não retrata a visão do governo no conflito nem, a visão da Renamo, não culpa a nenhuma das partes beligerantes, este estudo busca trazer a visão da população, pois ela que sofreu as barbaridades deste conflito entre estes dois grupos.

Revisão Bibliográfica

Para a formulação da ideia deste trabalho e por estar a estudar a guerra pós colonial ou simplesmente a guerra civil, foram consultadas as seguintes literaturas básicas, que constituem referência no que toca a estas temáticas.

CABÀ (1998) estuda a guerra na província da zambézia e o papel do Malawi, especificamente no Distrito de Morrumbala, este trabalho procura descrever os interesses internos e regionais, tipo de guerra que foi feita, que essencialmente foi feita virada contra os alvos econômicos e civis, sem grandes preocupações em trazer benefícios à população rural e procura descrever o momento da guerra no distrito de Morrumbala.

Discute se ainda, (PAULINE, 2016), que em sua dissertação traz um estudo sobre o impacto do movimento dos matsangas na região transfronteiriça entre Manica e a província de Manicaland no Zimbabwe, o caso do estudo do distrito de Chipenge, zona esta que era um centro de refúgio, para vários deslocados oriundos da zona centro do país, o autor traz depoimentos sobre traumas, assaltos sexuais e atrocidades feitas às populações, entretanto este trabalho permite fazer uma comparação da forma de atuação deste grupo e criar paralelismo que possam ajudar a alcançar o objetivo preconizado neste trabalho.

(CABRAL CARDOSO, 2009), contribui neste trabalho com seu estudo sobre o papel de um empreendimento privado agrícola no reassentamento de população deslocada de guerra: o caso de chibonzane em Moçambique, no qual procura dentro da problemática das migrações entender a experiência prática dos processos de reassentamento após uma fuga forçada pela guerra na zona rural de Moçambique – Chibonzane – situada numa das províncias do Sul do país – Gaza – após a assinatura do Acordo de Paz em 1992.

Por outra (GEFFRAY, 1991), vê a guerra, como expressão da oposição generalizada dos camponeses, no âmbito das políticas adotadas pela FRELIMO. O autor considera o facto de que a FRELIMO, ignorou e rejeitou as tradições culturais da população rural, através da não aceitação dos régulos, o que originou uma revolta interna, na medida em que várias pessoas

aliaram se a causa da Renamo, por causa do descontentamento criado pelas políticas do governo após a independência.

Contudo (MINTER 1998a) faz uma análise, na qual advoga que os conflitos em Moçambique representam uma conjugação complexa de fatores internos, regionais e globais, que não permitem compreender em modelos simples a estratificação desta guerra, porem atribui si que a guerra em Moçambique é o reflexo da guerra bipolar instalado depois da segunda guerra mundial, bem como os esforços do governo do apartheid de eliminar os não alinhados a sua política dentro da região, assim como a tentativa da Renamo ganhar prestígio interno, forçar a FRELIMO a trazer reformas democráticas no país.

Dentro destas temáticas, (CAHEN, 2019), considerado o pilar dos estudos sobre a guerra civil em Moçambique, contribui em especial para este trabalho com um estudo sobre a Renamo a pôs o acordo de Nkomati, onde destaca o facto de que, este acordo não simbolizou o fim da Renamo, porem trouxe uma revitalização das forças da Renamo que avançam quase por todo o país, especificamente na região sul, em destaque particular para Maputo.

Já, (ASFC, s/d), nas províncias de Nampula, Gaza, Sofala, mostrou que Apesar da recente intensificação dos esforços nacionais e dos parceiros de cooperação para o alcance da paz, tal como aconteceu em 1992, às considerações sobre o gênero, o uso de mulheres como meio de guerra, o impacto da violência cometida contra mulheres e raparigas durante os conflitos, e a necessidade do perdão e do reconhecimento dos horrores cometidos durante a guerra têm sido sistematicamente ignoradas abrindo espaços para uma nova etapa de acumulação de velhas e novas violências, de velhas e novas inseguranças que, ao serem ignoradas constituem formas embrionárias de um novo pré-guerra.

(MEQUIDADE, 2018), contribui para o trabalho com um estudo sobre o desenvolvimento da morfologia urbana das cidades moçambicanas e em especial da cidade da Matola, visto não existirem trabalhos científicos que apresentem os contornos do seu crescimento urbano, demográfico, industrial e a morfologia urbana criada, desde o seu surgimento, no período colonial, até aos nossos dias, passando por processos resultantes da situação económica, social e política. Assim, este trabalho procura analisar o processo histórico da cidade da Matola, passando de câmara municipal, no período colonial, para conselho executivo no período pós-

independência e posteriormente para conselho municipal; explicar o seu crescimento e como é feita a ocupação do território pelos habitantes e a implantação de infraestruturas diversas.

Metodologia

Baseado na revisão bibliográfica sobre esta temática, foi recolhido e confrontado documentos, foram usadas as técnicas de entrevista, as fontes orais, recolhidos em populares dos bairros do Baião, Machava e Ndlavela, neste ponto o perfil dos entrevistados variou na medida em que diferentes tipos de pessoas foram entrevistados, desde civis, comerciantes até milicianos que operavam por aquelas alturas.

Foi aplicado o método de reflexibilidade, procurou-se de forma comparativa confrontar as diversas versões dos acontecimentos retratados em documentos, artigos, revistas, documentação publicada referente a este tipo de temática, após a recolha dos dados, foram sistematizados. Para enquadrar o argumento, a pesquisa partiu de uma análise geral para o particular, desde as causas da guerra, até o modo de ataque e resposta da população.

Limitações de Estudo

Para concretização dos argumentos levantados, não faltaram dificuldades, por tratar-se de um tema delicado, pois trata sobretudo da resposta popular, que está baseada na oralidade, embora tenha esforços significativos de estudiosos, estes não abrangem todo país, e o tempo constitui um inimigo desta fonte, devido a ruptura de alguma informação, talvez o inquirido esqueceu. No uso das memórias, estas tendem a mostrar a subjetividade ao descrever a história dos acontecimentos, por vezes demonstrando certos exageros.

Quadro de Conceitos

Acordo- é uma forma das nações, grupos ou governos chegarem a um entendimento sobre um determinado elemento que os opõe. Muitos governos e seus parceiros afirmam por diversas vezes que chegaram a um entendimento por meio de acordos, note que este foi o mecanismo usado no contexto de Guerra Civil Moçambicana.

Desestabilização- é um método político para obrigar mudanças no comportamento de um governo sem necessariamente o derrubar. Para Geldenhuys citado por (DA SILVA, 2006), a palavra desestabilização não diz muito sobre o conteúdo concreto da atividade realizada, assim assumido por (ABRAHMSSON&NILSSON, 1994).

Para (ABRAHMSSON&NILSSON, 1994), o raciocínio de Geldenhuys pode levar-nos a fazer uma interpretação de que na realidade se trata de um tipo especial de influencia política, ou uma espécie de diplomacia agressiva.

Guerra Civil- entende-se como o conflito armado de dois grupos pertencentes ao mesmo estado no qual esta em causa um interesse interno, como a mudança de atitude de cada uma das partes, ou por vezes a conquista do poder.

Quando uma parte da população pega em armas contra o Governo estabelecido, estamos perante a uma guerra civil, que mesmo sendo interno pode ter dentro de si expoente externo, como si verificou em Moçambique, (DA SILVA, 2006).

Matsangas- é um termo popular atribuído aos guerrilheiros da Renamo no contexto da guerra civil em Moçambique, este é derivado do seu líder fundador André Matsangaisa que perdeu a vida em 1979. Importa destacar o facto de que depois de 1984, este grupo protagonizou no país uma onda de Massacres, roubos, abusos sexuais, raptos, decapitações. Por isto e um pouco mais ficou conhecido como um dos mais violentos movimentos de Moçambique, depois da guerra o nome Matsanga rotulava na mente da população quando si lembrava dos horrores da guerra civil de 1976-1992.

CAPITULO II

ENQUADRAMENTO REGIONAL DO ESPAÇO EM ESTUDO

Neste capítulo fazemos a apresentação da cidade da Matola e dos bairros de Machava Sede, Baião e Ndlavela, através de elementos e indicadores sócio demográficos e também históricos que nos revelam os modos de vida da população, as suas características e certos elementos que nos ilustrem a situação destes bairros durante o pré-guerra e o momento da guerra entre 1984 e 1992.

Principais dados sobre a Matola

Localização Geográfica e principais características

A Matola é uma cidade moçambicana, localiza-se no Sul de Moçambique e é capital da Província de Maputo. Ocupa uma área de 375km² e tem como limites físicos o distrito de Moamba a Norte e Noroeste, o Distrito de Marracuene a Norte e Nordeste, a cidade de Maputo a Este e Sudeste, Boane e Catembe a Sul e Sudoeste. Tem como coordenadas: Longitude – 25° 40' N e 25° 45' S; e, Latitude – 32° 34' W e 32° 46' E.

A cidade da Matola tem o estatuto administrativo de Distrito desde Novembro de 1945 e subdivide-se em três unidades administrativas autárquicas – os Distritos Urbanos (ou Postos Administrativos) que albergam, no seu conjunto, 41 bairros (SECCO COELHO, 2004: 88).

Quadro 1 – Distritos Urbanos/ bairros

Nº1 - Matola-Sede: Matola A, Matola B, Matola C, Matola D, Matola E, Matola F, Matola G, Matola H, Matola I, Fomento, Liberdade, Mahlampsene, Mussumbuluco e Sikwama

Nº2 - Machava: Unidade A, Trevo, Patrice Lumumba, Machava-Sede¹, Matola-Gare, Tsalala, Km-15, Umatibjane, Matlhemele, Dâmaso, Bunhiça, Cobe e Cingatela

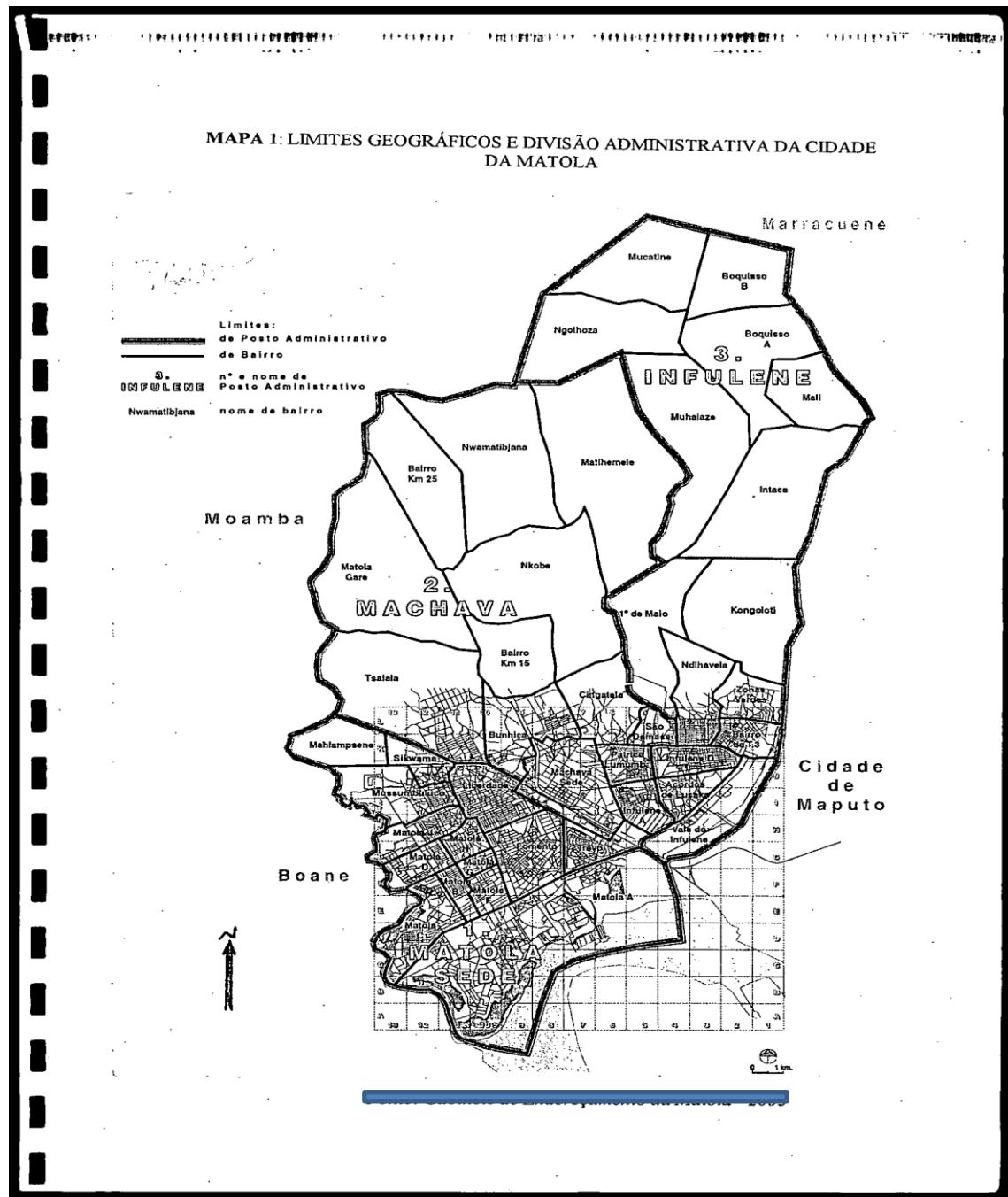
Nº3 - Infulene: Zona Verde, Ndlavela, Infulene D, T-3, Acordos de Lusaka, Vale do Infulene, Khongolote, Intaca, Muhalaze, 1º de Maio, Boquisso, mukatine

Fonte: SECCO COELHO, 2004: p. 88.

¹ O posto Administrativo da Machava é composto por um grande parque industrial, desde a Cajuca, Prosule, a empresa vidreira, esta ultima durante os finais da década 1980, era o alvo de ataques dos Matsangas, e um dos motivos pelo qual teve presença deste grupo no respetivo Bairro, na medida em que controlar a Vidreira daria um acesso à avenida das indústrias e um livre caminho rumo à cidade de Maputo. Ver Capítulo 4.

A cidade da Matola, durante o período da guerra civil na década de 1980, apresentava uma taxa média anual de 4,5 %, tendo passado de 201.165 residentes em 1980 para 424.662 em 1997. Desde 1960, a Matola apresenta taxas de crescimento populacionais sempre superiores às de Maputo, em particular de 1960 a 1980. Diversas causas podem estar na origem do crescimento demográfico tão pronunciado, entre as quais podem ser apontadas as seguintes: (i) nos anos 60 a Matola conhece o seu grande “boom” industrial, ao mesmo tempo em que se transforma numa área urbana residencial muito apetecida para a burguesia colonial, que sai de Lourenço Marques (Maputo) e ali se fixa em amplas moradias com grande espaço; (ii) durante os anos 60 e 70 a política colonial cria, no espaço urbano da Matola, novas áreas de expansão urbana para classes trabalhadoras coloniais, dando incentivos para a construção de casa própria, facto que deu origem ao surgimento de novos bairros, como os actuais Fomento e Liberdade, para onde foram residir muitos operários e quadros médios portugueses que deixaram a cidade de Lourenço Marques (Maputo); (iii) a instalação de várias indústrias na Matola e Machava atrai muitos trabalhadores moçambicanos que, vindos de áreas rurais circundantes e dos bairros suburbanos de Lourenço Marques (Maputo), se instalaram em áreas suburbanas da Matola, (DE ARAÚJO, S/d: 3).

MAPA 1: LIMITES GEOGRÁFICOS E DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA CIDADE DA MATOLA



Fonte: CUNA (2004: 23).

“A única motivação da investigação é a vontade de conhecer e compreender”. Mas a Apresentação dos resultados assume um carácter tanto mais subversivo quanto o seu objecto, A guerra, palco de sofrimento e de riscos e desafios extremos, suscita as mais veementes e “Apixonadas opiniões”

Christian Geffray

CAPITULO III

MOÇAMBIQUE, A RENAMO E A GÊNESE DA GUERRA CIVIL.

Neste capítulo procedemos a analise do Moçambique pôs independente e o seu alinhamento regional dentro das décadas 70 e 80, na medida em que a guerra civil moçambicana é vista por vários autores como resultado de factores externos, internos e globais.

A década de 1970 e 80 é caracterizada por mudanças profundas a nível regional, tanto sob o ponto vista econômico, social e, sobretudo a nível político, mudanças estas que tiveram influência direta nos fatores que engendraram em Moçambique neste período. A analise de estes fenômenos ira nos ajudar a compreender as causas deste conflito que ceifou milhões de vidas ao longo de 16 anos de combate entre a Renamo e o Governo Moçambicano representado pelo então partido FRELIMO.

Surgimento da Renamo – Resistência Nacional de Moçambique

Segundo (CABA, 1998:4), a independência de Moçambique, representava a possibilidade de o pais ser usado como retaguarda da ZANLA, nas incursões ao seu país, devido aos laços que uniam a FRELIMO a ZANU, além de ser ameaça a sua soberania, a FRELIMO era ameaça ao acesso ao mar por parte da Rodesia Sul(Zimbabwe) através dos portos da Beira e Maputo, na medida em que uma doutrina contraria colocaria a perder anos de relações bilaterais entre Salisburia- Maputo foi dentro deste medo de perder os privilégios regionais que a rodesia do sul lança uma campanha de desestabilização dentro de Moçambique a partir de 1976.

Entretanto a Renamo, nasce dentro dos centros de Inteligência da Rodesia, o objetivo era travar a ajuda de Moçambique a ZANU, a Renamo foi conhecido inicialmente por MNR- Mozambique National Resistance. Durante este período, a RENAMO agiu em função da planificação militar

feita pela Rodésia do Sul e agiu preferencialmente na zona centro de Moçambique, cobrindo províncias como Manica, Sofala e Tete, (Lulat, 2008) Citado por (ASF, S/d: 28).

Em outubro de 1976 chega a Rodesia André Matsangaissa², ex- combatente da FRELIMO, fugindo do campo de reeducação de Sacuze, perto de Gorongosa, onde se encontrava por crimes de delito. Na Rodesia foi integrado a Renamo e indicado pela CIO como comandante Supremo do MNR-Renamo. Matsangaissa participou a 10 de Abril do assalto ao centro de sacuze, onde 50 reeducados foram raptados e integrados nos treinos da Renamo dentro deste grupo destaca se Afonso Dlakhama, (CABA, 1998:7), importa destacar que este período confere a primeira fase da Renamo que por estas alturas era apenas um mandado de Ian Smith.

Segundo (Alao, 1994), citado pela (ASFC, S/d: 28), com a independência do Zimbabwe em 1980, e a consequente queda do sistema de segurança criado pelo regime de Ian Smith, a RENAMO perde o apoio direto até então recebido da Rodésia do Sul. De modo a manter o grupo operativo, a extinta força de defesa e segurança da Rodésia do Sul e seus extintos serviços secretos negociam secretamente com a África do Sul para assumir o controlo do movimento. Ciente da utilidade estratégica do grupo, a África do Sul aceita acolher a RENAMO e inicia um programa de instrução e treinamento que iriam transformar a RENAMO de um movimento inexpressivo para uma verdadeira máquina de guerra. Esta mudança marca a segunda fase do conflito armado caracterizada por uma maior capacidade militar do movimento (seja em termos de equipamentos ou em termos numéricos)

Nesta fase, a violência generalizou-se e os níveis de atrocidades foram significativos, durante esta fase, as brutalidades das ações da RENAMO estenderam-se por todo o país apesar de as províncias de Niassa e Cabo-Delgado manterem níveis mínimos de violência, o recrutamento forçado de pessoas para engrossarem as fileiras do regime tornou-se comum (Vines, 1991) citado (ASFC, S/d: 28), apesar de a RENAMO ser considerada como a principal promotora da violência

² O termo Matsanga, é um nome atribuído popularmente durante a guerra civil 1976-1992, aos soldados da Renamo este é derivado do seu primeiro líder André Matsangaissa, após a sua morte em 1979 os seus soldados encabeçaram uma onda de massacres quase por todos os países, este grupo foi acusado de várias violações humanitário (raptos constantes, mortes, abusos a mulheres e crianças, roubos em cooperativas e estabelecimento comerciais, vandalismo em infraestrutura sócias e econômicas, entre outras atrocidades).

contra a população civil, esta fase testemunha também um aumento de violência cometida pelas forças de defesa e segurança contra a população civil.

Porque das Armas?

Procedemos neste pequeno subtítulo compreender as linhas epistemológicas que orientam a visão do porque da guerra civil, seria difícil compreender a natureza dos ataques nos bairros em estudos sem antes entender o real motivo que leva estes dois grupos a este fogo cruzado, o que esta acontecer, é que quem sobre é a população, a questão porque sofre?

Segundo (Hanlon, 1984; 1989) citado por (CARDOSO, 2009), diz que após a independência do país, com a assinatura dos Acordos de Lusaka, a FRELIMO tomou o poder e colocou em marcha um programa económico socialista e um sistema político de partido único, não demorou muito tempo para que a guerra civil estalasse.

As explicações para as causas da guerra tendem a polarizar-se entre duas posições ideologicamente opostas. A primeira realça que a guerra foi um projeto de desestabilização contra o governo da FRELIMO, patrocinado primeiramente pela ex Rodesia do Sul e extremamente, o regime do apartheid da África do Sul no contexto da “estratégia total” para a região austral, (CARDOSO, 2009).

A crescente preocupação ocidental em torno de um governo inspirado na ideologia marxista-leninista é outro argumento que se junta ao anterior. Nesta perspectiva, a Renamo é vista como uma força fantoche, mantida externamente, sem nenhum programa político real ou intenção governativa e nenhuma base de poder doméstico (Do lado oposto, isto é, dos opositores ao governo, é considerada uma força de liberdade e de democracia).

A outra linha marca desde logo, uma ruptura epistemológica com os estudos anteriores que se debruçam igualmente sobre a natureza do conflito armado entre a FRELIMO e a Renamo e o maior defensor desta linha é (GEFRAY, 1991), para ele as causas da guerra foram principalmente internas, produto da experiência socialista falhada da FRELIMO e particularmente da alienação do apoio aos agricultores rurais, o desrespeito pelas autoridades tradicionais, religiosas ou não, a imposição de empresas agrícolas estatais e cooperativas, aldeias comunais e novas estruturas de poder que procuraram substituir a ordem social tradicional,

apanágio da tentativa de eliminar todos os vestígios do “obscurantismo” e de forjar “um homem novo” na revolução moçambicana.

Em síntese o motivo dos tumultos sócias dentro dos bairros da Matola em especial as zonas de estudo tem como motivos as duas linhas explicadas acima, é difícil tomar um posicionamento sobre qual linha explica melhor a guerra porem a ilação que podemos retirar é que ambas são complementares e ajudam a entender as causas deste conflito, a seguir procedemos à dinâmica ou o momento da guerra dentre da Machava, Baião e Ndhlavela e veremos como estas linhas si aplicam dentro do campo de batalha e como a população responde a estes ataques.

Capítulo IV

A DINÂMICA DOS MATSANGAS NA MATOLA E A RESPOSTA POPULAR

Introdução

A entrada da guerra na Matola alterou drasticamente o funcionamento da cidade, numa altura em que esta estava em uma larga expansão e desenvolvimento. A dinâmica da guerra na Matola é totalmente diferente de qualquer outro ponto do país, importa referir que por aquelas alturas a Matola gozava de um parque industrial muito forte. Um dos bairros³ neste trabalho discutidos era um grande parque industrial que representava muito para economia nacional, as incursões da Renamo foram diferentes dentro da matola isto deveu se a importância e a relevância de cada bairro. Na Matola o que a Renamo queria era destruir o grande parque industrial existente, encorralando a população, e com o principal objetivo de pressionar o Governo, pois controlando Matola a Renamo teria em suas mãos o poder econômico do país.

Este capítulo desvenda as incursões dos Matsanga na Matola com especial enfoque aos bairros da Machava, Baião e Ndlhavela. A dinâmica e a resposta popular adotada pela população nessas incursões serão discutidas. As incursões incluem ataques a infraestruturas, ataques a civis, ataques a fazendas, e também ataques a equipamentos sociais como esquadras escolas e hospitais, este ultimo, sobretudo na Machava-Sede e Baião. (PAULINE, 2016: 3), dessas incursões pessoas foram recrutadas à força como soldados, diminuição da produção, destruição de propriedade, migrações forçadas, deficiências permanentes, instabilidade social e mortes.

A Dinâmica das incursões dos Matsangas na Matola: Machava, Baião e Ndlhavela.

Os Matsangas na Machava-Sede, Ndhlavela e Baião

O posto Administrativo da Machava é um dos três postos da cidade da Matola, e contém dentro de si 14 bairros, este posto administrativo tem a designação de zona industrial. Devido a sua natureza econômica, e a sua semi urbanização o posto Administrativo da Machava- Sede entrou na rota das incursões dos Matsangas, importa referir o facto de que ocupando a Machava a

³ O posto Administrativo da Machava, continha varias empresas de grande importância como: PROSUL, COMPANHIA VIDREIRA DE MOCAMBIQUE, CAJUCA, (Estação ferroviária: MOCAMBIQUE- RSA-SWAZILANDIA).

Renamo teria um caminho aberto rumo ao seu objetivo que era chegar à cidade de Maputo, e pressionaria a FRELIMO na medida em que anunciariam que estão a quilômetros de Maputo⁴

Segundo (CAHEN, 2018), depois do Acordo de Nkomati, a guerra expandiu si quase por todo o país, a intensidade dos ataques da Renamo aumentou com uma média de 165 ataques por mês entre Março e Maio de 1984, Comboios em Maputo eram atacados quase que diariamente, os ataques concentraram inicialmente nos distritos de Namaacha, Magudi, Manhiça e Moamba. Na Machava e Baião particularmente não temos ataques oficias deste movimento antes de 1984, apenas especulações e suspeitas da presença de espiões, sobretudo em casas de pastos.⁵

(Robinson, 2006: 174), diz que em Janeiro de 1984, uma unidade da Renamo de 60 pessoas tinha atravessado o rio Incomati na província de Maputo e dividido em três grupos, um que operaria perto da fronteira a sul de Ressano Garcia, o segundo a nordeste da cidade de Maputo, e terceiro perto da área de Moamba, salientar o facto de que este terceiro destacamento é o grupo que ataca os bairros de Baião, Machava-Sede e Ndhlavela porem com um contingente maior do que quando chega a Moamba. Abaixo apresenta se a provável rota usada pelos matsangas ate chegar a Baião e Machava.

Quadro 2: Rotas usadas pelos Matsangas

Magudi	→	Xinhaguanini	→	Sabie (Moamba)	→	Pessene	→	Tenga	→	Matola Gare	→
Machava											

Fonte: (Xadrek, 2021).

De acordo com (TIVANE, 2021), as primeiras incursões a quando da sua chegada aos bairros de Baião e Machava, foram diferentes, porem com algum denominador comum, no caso da Machava Sede, os Matsangas concentraram si não no ataque a civis mas sim contra as varias infraestruturas sócias. Em 1985 ocorreu um ataque à estação ferroviária onde foi morto Aurélio

⁴ Entrevista, Felisberto Xavier. 28.10.2021. Residente no Bairro Trevo

⁵ Segundo Atanásio, houve um dia onde em casa dele foi pego alguém suspeito por ser um espião e foi entregue ao posto militar que funcionava dentro da estação ferroviária da Machava.

Mbebeli, um miliciano que controlava os vagões de açúcar e de milho, provenientes da África do sul, durante o mesmo ano ocorreu varias destruições aos estabelecimentos comercias existentes, bem como ataques a padarias e com grande ênfase a cooperativa que operava no posto, durante este ataque foi morto um miliciano que controlava a cooperativa, após a sua morte os Matsangas cortaram-no a cabeça e colocaram sobre um bambu para que fosse por todos visto.

De acordo com (ROBINSON, 2006), a situação no sul, em particular nos arredores de Maputo, deteriorou-se abruptamente com alguns ataques ocorrendo a poucos quilómetros da capital a situação com ataques sucessivos na Machava forçou o Governo a lançar uma rede auxiliar as FPLM dentro das empresas locais como a CFM, a Vidreira entre outros na viragem de 1984 a 1985, os milicianos.⁶

Durante este ano de 1984, no bairro de Baião os Matsangas já haviam invadido, atacando varias infraestruturas sócias como o Hospital local, as empresas existentes, assim como chegou um tempo que profanava túmulos a busca da população que fugiam para placar(esconder), as esquadras policias também eram vandalizadas assim como os estabelecimentos comercias existentes.

Existe uma grande diferença no modo de ataque dos Matsangas, no baião e Machava, primeiro devemos notar o facto de que a Machava sede era urbanizada, sendo urbanizada e industrializada a Renamo encontraria resistência pelo facto de que existia um controle estatal forte, por causa disso concentrava suas forças em ataques as empresas, neste caso um confronto militar direto, em poucas vezes, si não querer dizer nunca atacavam a casa de ninguém.

Doravante Ndhlavela e baião por esta altura não tem nada a oferecer, são zona rurais e este ultimo é o bairro antes da Machava –Sede, foi dentro deste contexto que ele foi usado como sua retaguarda, e era o local em que pessoas eram recrutadas para o trabalho auxiliar de carregamentos de alimentos entre outros trabalhos extra militares, pelo facto de que a Machava oferecia uma semi Segurança outros recorriam esconder si por lá, assim como conta Ana Machel:

⁶ Milicianos, é uma força extra militar adotada durante a vigência da guerra civil, que foi introduzida entre 1984 e 1985 como forma de proteger o patrimônio do estado, bem como ser uma espécie de guardiões da população.

Sempre pela noite, eu e minha família sempre palancávamos na Machava, depois da linha férrea na zona da célula B, na casa Senhor Tivane, dizia si naquele tempo os Matsangas não tem poder e nem força suficiente para atacar depois da linha férrea devido aos milicianos e militares.

Note se que, a parte b da declaração da Senhora Ana coincide com o que recorrentemente tenho encontrado em minha investigação dentro da Machava, embora dentro deste trabalho diga que a Renamo estava por cima dos confrontos, abro espaço para dizer que a dinâmica da guerra é diferente de outros bairros, dentro da própria Machava depois de 1985 ate cerca de 1990, havia uma divisão de controlo, depois da estação a FRELIMO era forte demais, porem antes da linha a Renamo tinha controlo total da zona.

Note que do intervalo de 1987 a 89, a Renamo tenta de forma sucessiva penetrar a linha, porem sempre com derrotas sucessivas, importa referir que o ultimo ataque dos Matsangas e consequente a sua derrota foi no final da década 80, entre 1989 e 1990, o objetivo dos Matsangas era atacar a vidreira e subjugar a população. Relatos encontrados dizem que os Matsangas cruzam a linha férrea, chegando pela primeira vez a casa de um civil de nome Rafael e sua esposa Laurinda, foram estes que mostraram o caminho para a Companhia Vidreira de Moçambique,(PHUMO, 2021 & SITOE 2021).

(SITOE, 2021), diz que este foi o dia em que todo o posto administrativo ficou com medo, pois uma vitória militar significaria o fim da luta dentro do bairro porem uma derrota dos Militares a Machava seria subjugada pelos Matsangas completamente, entretanto na vidreira a Renamo encontra um terreno dificílimo e o movimento matsanga foi derrotado, sendo mortos 7 soldados dentro os quais o seu líder, que no dia seguinte foi amarrado sobre um carro e arrastado ate sair tripas e posteriormente queimado na célula C.

A resposta popular nos Bairros da Machava, Baião e Ndhlavela.

O funcionamento dos bairros de Machava-Sede, Baião e Ndhlavela ficaram drasticamente afectada depois de 1985, a guerra havia criado condições de mudanças de varias coisas, dissociou os agregados familiares e obrigou com que sem esperar pelo estado os populares tivessem que responder os constantes ataques.

A reação popular face de guerra foi diversificada, e por vezes era feita de forma individual, por exemplo, na Machava-Sede, há uma parte população que responde pura simplesmente ficando em suas próprias casas, isto deveu si ao facto de que a zona era bastante vigiada pelos militares e milicianos comunitários, e a estação continha uma brigada militar instalada que trazia um semi-segurança popular, (PHUMO, 2021).

Havia uma divisão no que toca há como responder a estes ataques por parte da população do bairro da Machava, outra parte preferia sair de casa sempre pelas 17 horas, em direção ao bairro Jardim como forma de escape a estes ataques, como conta Tivane de 40 anos, esta parte da população voltava sempre as suas residências pela manha do dia seguinte para continuar a sua vida, na verdade o que movia a população a este deslocamento era o medo, pois os mesmos residentes da Machava por me entrevistado dizem que nunca houve ataques a civis, (TIVANE, 2021a).

O refugio nas lojas de Jardim, tiveram grande aderência, sobretudo a partir de 1988, note se que não eram apenas residentes dos bairros da Machava que recorriam, pessoas de outros bairros como infulene refugiavam se neste local. A mesma população da Machava por vezes a quem preferisse acampar na bermas do Rio Matola, atravessado Trevo e Matola A.

As diferentes pessoais por me entrevistadas, mostram que os esconderijos, modo de sobrevivência, tática de fuga e comunicação não obedeciam a um padrão concreto, mas sim estavam de acordo com as condições do terreno embora encontrem se uma e outra semelhança no modo de atuação em Ndhlavela, Baião e Machava-Sede.

No bairro de baião, embora a população tomasse a decisão de fugir por si só, esta mesma encontrava-se nos lugares de palanque(esconderijo), dentro deste bairro existiam 4 formas de responder a estes ataques. Primeiro, existiam aquelas pessoas que se refugiavam na esquadra local, que em termos de segurança não tinha muito a oferecer porem dizia-se por aquelas alturas que não era a mesma coisa que ficar em casa, em segundo lugar a população recorria refugiar si dentro do cemitério do Bedene pela calada da noite, durante os anos de 1985 ate finais da década 1980, contudo quando os Matsangas aperceberam se deste facto, introduziram se também dentro dos cemitérios, por vezes profanado túmulos a busca pela população.

Em terceiro, a população do baião quando apercebe se que mesmo o cemitério já não era seguro, tiveram que passar a deixar as suas casas a busca de lugares melhores, que passaram do palanque na célula B, na zona da Machava e por vezes chegavam ao Rio Matola, e outros recorriam à cidade de Maputo em fuga aos Matsangas, (SAMBO, 2021).

Em quarto lugar a quem dentro do baião preferiu ficar a mercê da própria sorte, não refugiava se no cemitério, não recorria às esquadras nem fugia para a Machava, pura e simplesmente ficava em casa, dependendo do que aconteceria.

Note-se que muitos dos que fugiam em Machava e Baião, muitos deles tinham o seu emprego na Machava-Sede, outros trabalhavam como comerciantes dentro do Mercado, outros nas varias empresas por aquela zona distribuídas, outros cozinhavam os seus alimentos por volta das 15/16 horas e levavam aos esconderijos porem outros preferiam confeccionar os alimentos lá no esconderijo, (TIVANE, 2021b).

O facto referido no ultimo paragrafo era verificado em Ndhlavela, onde varias pessoas deslocavam se em direção ao bairro Patrice Lumumba e outras cortavam o caminho das plantações do vale de infulene a caminho das lojas do jardim. A quem dentro de Ndhlavela preferisse abrir covas e colocar a sua família e tampar a família com ramos de arvores, (REBECA, 2020).

O despoletar do conflito nos bairros e papel das Autoridades locais

Si formos a comparar o grosso modo da guerra, era mais simples desencadear a guerrilha no centro e norte do que no sul, pois nestas regiões quando a Renamo se instalava com o consentimento do chefe local, a população era mobilizada para prestar apoio aos guerrilheiros, indo trabalhar nas suas machambas ou dando uma parte da sua produção” (Muianga, 1995, p. 59), citado por (CARDOSO, 2009: 126), Foi desta forma que foram fundadas muitas bases da Renamo em vários distritos pelo país a fora.

Porem quando a Renamo chega a Machava, encontra um bairro estruturado, onde a burguesia colonial havia montado uma rede econômica muito forte e a população existente neste bairro é urbanizada, e pela sua natureza o recente estado protege esta zona com unhas e dentes e as autoridades locais eram membros fies ao movimento da FRELIMO, a Renamo não encontra

bases para a sua estratégia na Matola, pois nenhum líder local destes bairros é a favor da sua causa.

É dentro deste contexto que os Matsangas concentram as suas forças a tentar eliminar estas pessoas, pois assim fragilizariam a população. (TIVANE, 2021a), na Machava Sede houve vários ataques às infraestruturas sim, porem raramente quase que nunca foi atacada casa de ninguém, o secretario do bairro durante o período auge da guerra entre 1986 e 89, o seu papel não si verificou, em baião onde todos tinham medo cada qual lutava por si, certos entrevistados dizem que na Machava até os militares tinham medo. Diferente do centro e norte justificado por aquilo que (GEFRAY, 1991), diz os chefes locais tiveram um grande papel, mas no sul e em destaque em Matola o papel dos chefes locais variou, em baião e Machava mesmo em Ndhlavela o seu papel quase não foi efetivo, e para sorte de alguns é que em certas áreas nunca houve ataques o que talvez tivesse desencadeado a intervenção do chefe local algo que pude compreender é que era mais fácil aliciar os lideres chefes locais em zonas rurais do que nos bairros urbanizados de Maputo.

Embora não seja matéria de estudo deste trabalho, porem julgo importante e relevante para abrir um novo capítulo em matérias de guerra civil, em vários distritos só foi possível o desencadear da guerra civil com a permissão do líder local, embora si ele negasse era morto, sobretudo no sul, facto que sustenta a verdade é que o líder dos matsangas na área da Machava era um chefe local proveniente de Matsequenha (provavelmente das Matas de Boane ou Namaancha), diz se que era curandeiro, mas encontram dificuldades de aliciar os lideres dos bairros em estudos porque estes eram mais ou menos escolarizados e fies a FRELIMO.

CAPITULO V

CONCLUSÃO

Desde já a conclusão que pode se retirar no trabalho assenta no facto de que, a dinâmica das incursões dos Matsangas dentro dos bairros em estudos era diferente, o grosso modo em que eles atacavam a Machava-Sede, não era linear com o que acontecia no bairro de Ndhlavela ou baião. A especificidade de cada terreno em ataque é um dos factores que caracteriza a resposta que os populares dão a estes ataques.

Importa destacar que a resposta variou de bairro em bairro, de família em família e de pessoa em pessoa, isto é, não seguiu um padrão tipo concreto, para os habitantes da Machava que foram agraciados pela presença de duas forças neste caso as FPLM e os Milicianos, a maioria deles refugiava se dentro de casa mesmo, embora haja outra parte que preferisse albergar se em outros lugares como o jardim e nas bermas do rio Matola na zona de Matola A.

Por se tratar de um local meio que rural naquela altura, em Ndhlavela houve espaço para abertura de covas, para poder si refugiar, a quem dentro do mesmo bairro preferia buscar outros locais seguros em direção à cidade de Maputo. Enfim, a resposta popular variou dependendo da natureza da zona e dos interesses do movimento nesta zona.

Por fim trago uma reflexão dentro deste trabalho, que compreendida por qualquer leitor deste manual, irá ajudar a compreender a gênese da aderência do hoje então partido Renamo, por parte de um numero significativo de populares no sul, sobretudo Maputo.

Importa destacar o facto de que a região Sul de Moçambique é considerada o celeiro da FRELIMO, onde granjeia significativo número de apoiantes, sobretudo da etnia Tsongas.

Porem com o surgimento de fatores como a própria guerra e o descontentamento generalizado por causa dos anos, do socialismo que começam em 1977, com o terceiro congresso da FRELIMO, e a dificuldade da FRELIMO, em cumprir as suas promessas, sugere si que originaram a gênese progressiva da aderência ao movimento, e partido que hoje si chama RENAMO, no sul de Moçambique na medida em que à esperança em dias melhores que a FRELIMO prometia demorava concretizar – se.

Assim como (Adam 2006 & Mungoi 2008), sustentam uma ideia similar, contudo em meu trabalho afirmo o facto de que o descontentamento popular com o passar do tempo muda, pois

por agora o vilão já não é a Renamo, mas a FRELIMO, a mesma população do sul, que critica a Renamo em 1980, chamado os de Matsangas, animais selvagens, assassinos entre outros nomes, é a mesma que agora busca no outrora movimento Marginal alguma consolação, pois o dito partido do Povo desde 1977 anuncia promessas que nunca chegam, considero este fenómeno de resposta progressiva na medida em que ainda não esta terminada, pois ano após ano a FRELIMO esta a ser abandonada dentro do seu celeiro que é o sul.

ANEXO: n°1**Guião de Entrevistas**

1. Qual é o seu Nome Completo?
2. É Nativo de Baião/ Machava/ Ndlavela
3. Quem foram os Matsangas?
4. Quando os Matsngas começaram a atacar com quantos anos tinha?
5. Quando é que os Matsangas começaram a atacar?
6. Qual é o período do Dia que os Matsangas atacavam?
7. É verdade que todos os que eram pela FRELIMO eram alvos fácties para eles?
8. Como vocês respondiam a esses ataques?
9. Onde si refugiavam?
10. Quais eram as condições destes locais?
11. Conhece alguém que foi violada ou Morta de sua família não só?
12. Qual foi a maior atrocidade que vivenciou na guerra de dezesseis anos?
13. Conhece qual era à base dos Matsangas, onde estes si reuniam?
14. Quem era o regulo nesta altura?

As perguntas que compõe o guião, são apenas título de exemplo, no decorrer da conversa com a população, mas questionamentos vão surgindo, que não estão aqui alistados.

Anexo: n°2**Caracterização da amostra**

O número de entrevistas realizado em cada local divide-se da seguinte forma:

Quadro 3. Distribuição dos inquiridos por local e sexo

Local da entrevista	Homens	Mulheres	Total
Machava- Sede	6	4	10 pessoas
Ndlhavela	0	2	2
Baião	1	3	4 pessoas
			Total: 16 pessoas

Anexo: N° 3

Cronologia da guerra civil geral e nos lugares em estudo

1975- independência total e completa de Moçambique, apos 10 anos de luta entre a FRELIMO e o Estado Português;

1976- Inicio da primeira fase do conflito entre o Governo da FRELIMO e a Renamo liderada por André Matsangaisa, esta fase a Rodesia do Sul era o principal financiador militar e Logístico e este conflito é caracterizado pela desestabilização de Infraestruturas sócias;

1977- Realização do III congresso da FRELIMO, que define a adoção do Socialismo e o modo de economia centralizado, (GEFRAY 1991), descreve o facto de que foi a partir das decisões tomadas neste congresso que surge a guerra civil em Moçambique;

1980- Queda do governo da Ian Smith na Rodesia do Sul e o fim do apoio a Renamo, e inicio da mudança do sentido da guerra de desestabilização para guerra civil;

1981 – regista se o primeiro ataque na cidade da Matola, o governo sul africano ataca a casa dos ativistas do ANC e a expulsão de 6 diplomatas americanos de Moçambique;

1982- Inicio das conversações que culminaram com a assinatura do Acordo de Nkomati;

1983- Suspeitas da presença de espiões no bairro da Machava Sede;

1984- Assinatura do Acordo de boa vizinha entre Botha e Machel;

1984- primeiras unidades militares atravessam o rio incomati, e chegam a Machava, Baião e Ndhlavela usado a rota Moamba;

1984- Iniciam os primeiros ataques em Baião e Ndhlavela;

1984/1985- Introdução dos milicianos nos bairros da Matola;

1985- Ataques sucessivos a estação dos caminhos de ferro da Machava, dentro dos ataques foi morto (Aurélio Mbebeli, miliciano guarda dos vagões de açúcar);

1986- fugas quase que diárias dentro do bairro de Baião, Machave e Ndhlavela;

1987- Destruição de infraestruturas, desde hospitais, esquadras, cemitérios, estabelecimentos comercias;

1988- Ataques sucessivos as grandes empresas da zona industrial da Machava, o caso da Companhia Vidreira de Moçambique;

1989- Ultimo ataque da Renamo dentro da Machava, depois da derrota no assalto da vidreira de Moçambique;

1992- Assinatura do acordo geral de Roma e fim das hostilidades em Moçambique entre a Renamo e o Governo da FRELIMO.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Artigos

CRUZ E SILVA, Maria Teresa da. *Moçambique: um Perfil.* [S/l]: CES, (s/d).

CRAVINO, Janete. *Conflitos Internos - Resolução de Conflito.* Revista Militar: [Lisboa], 2005.

DARCH, Colin. *Uma História de Sucesso que Correu Mal? O Conflito Moçambicano e o Processo de Paz numa Perspectiva Histórica.* FES, 2018.

DINERMAN, Alice. *Moçambique depois do socialismo a independência revisitada.* [Lisboa], 2007.

DE MIRA, Feliciano. *Processos de Transição Económica e Responsabilidades Políticas em Moçambique.* LATITUDES, 2005.

SUMICH, Jason; HONWANA, João. *Strong party, weak state? FRELIMO and state survival through the Mozambican civil war: an analytical narrative on state-making.* DSI, 2007.

GULLAMO, Taju. *Renamo: os Factos Desconhecidos.* In. Cadernos de História 7, 1988.

GUNN, Gillian. *Post-Nkomati Mozambique.* CSIS, 1984.

FLORÊNCIO, Fernando. *Christian Geffray e a Antropologia da Guerra: Ainda a Propósito De La Cause Des Armes Au Mozambique.* Vol. VI (2), 2002.

MEDEIROS, Eduardo. *Contribuição para o Estado da Arte das continuidades e mudanças em Moçambique Vinte e cinco anos de «Estudos Moçambicanos», 1980/81-2006.* 1^a ed, CEAUP: Porto, 2008.

MACAMO, Elísio. A Transição Política em Moçambique. CEA: Lisboa, S/d.

O' LAUGHLIN, Bridget. *Analise de “a causa das armas em Moçambique” Antropologia de uma guerra civil, de C. Geffray.* CREDU: paris, 1990.

Dissertações

BAQUETE, Calisto. *Génese da oposição à Frente de Libertação de Moçambique FRELIMO (1960-1994): Caso do COREMO.* S/e: Maputo, S/d.

CARDOSO, Inês. *O papel de um empreendimento privado agrícola no reassentamento de população deslocada de guerra: o caso de Chibonzane em Moçambique.* Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa (dissertação, mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional), 2009.

CABÁ, Sergio. *A guerra na província da Zambezia e o papel do Malawi, 1975 – 1988.* Maputo, Universidade Eduardo Mondlane (trabalho científico final curso), 1977.

MALOA, Tomé Miranda. *História da Economia Socialista em Moçambique.* São Paulo, Universidade de São Paulo (Mestre em História Econômica), 2016.

MUNGÓI , Cláudio Artur. *Desenvolvimento regional no vale do Zambeze - Moçambique em perspectiva.* Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese, em Desenvolvimento Rural), 2008.

SECO COELHO, Vasco André Ferreira Dinis. Cooperação descentralizada e participativa entre Portugal e Moçambique: o exemplo do município da Matola. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa (dissertação em desenvolvimento e cooperação internacional), 2004.

SILVA DA, Romeu Francisco. *As relações políticas entre Moçambique e África do Sul após o Acordo de Nkomati.* Maputo, Universidade Eduardo Mondlane (trabalho científico final curso), 2006.

Entrevistas

MACHEL, Ana, 36 anos. (**Bairro Trevo**), antiga moradora do Baião, 31 de outubro de 2021.

MACHEL, António, 71 anos. (**Bairro Trevo**), antigo miliciano dos Cimentos de Moçambique, 31 de outubro de 2021.

PHUMO, Maria Alice, 66 anos. (**Bairro Machava-Sede**), 18 Outubro de 2021.

REBECA(familiares). 23. (**Bairro Ndhlavela**), 2020.

SITOЕ, Armelinda, 86 anos. (**Bairro Machava-Sede**), residente desde 1951, 18 Outubro de 2021.

SAMBO, Agostinho. (**Bairro Infulene A**), antigo miliciano, 02 de novembro de 2021.

SAMBO, Helena. (**Bairro Infulene A**). Antiga moradora do Baião, 02 de novembro de 2021.

TIVANE, Atanásio Manuel, 40 anos. (**Bairro Machava-Sede**), 18 Outubro de 2021.

TIVANE. (**Bairro da Machava- Sede**), 01 de Novembro 2021.

TIMANE. (**Bairro Machva-Sede**), 31 de Outubro de 2021.

XADREK, Felisberto. (**Bairro Trevo**), antigo morador da **Machava-Sede**, 28 de Outubro de 2021.

Livros Publicados

ADAM, Yussuf. *Escapar aos dentes do crocodilo e cair à boca do leopardo: Trajetória de Moçambique pós-colonial (1975-1990)*. PROMEDIA: Maputo, 2006.

ASFC. *Impacto dos conflitos armados na vida das mulheres e raparigas em Moçambique*. S/d

CAHEN, Michel. “*Não somos bandidos*”. *A vida diária de uma guerrilha de direita: a Renamo na época do Acordo de Incomati (1983-1985)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2019.

GEFFRAY, Christian. *A Causa das Armas em Moçambique. Antropologia da Guerra Contemporânea*. Afrontamento: Porto, 1991.

HANLON, Joseph. **Mozambique: The Revolution under Fire**. London, Zed Books, 1984.

MINTER, W. *Os contras do apartheid. As raízes da guerra em Angola e mocambique*. AHM: Maputo, 1998.